



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -**

E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

Janeiro

Nº 257

MAIS DE UM SÉCULO DE UMA TRAGÉDIA

Amadeu de Almeida Weinmann¹

“Não há na sociedade um ente fraco e sem proteção, vítima de uma perseguição violenta e dissimulada, não há direito ignorado, liberdade asfixiada que peça socorro a um advogado que não encontre um jurisperito decidido a defender interesses que não são os seus”.²

Poucas vezes a tragédia grega se passou tão viva como no caso da morte do escritor Euclides da Cunha. Deste personagem pouco se tem a acrescentar, já que sua biografia é por demais notória. Já Dilermando, a paixão fez de sua vida uma tortura perpétua e inacabada.

Nascido em Porto Alegre, Dilermando Cândido de Assis foi militar, engenheiro, bacharel em direito, escritor, líder da maçonaria brasileira, famoso pela tragédia amorosa vivida com a esposa do escritor Euclides da Cunha.

Já se passaram mais de cem anos!

Era um domingo, 15 de agosto de 1909 quando, por volta das 13 horas, o autor de “Os Sertões” invadiu a residência nº 214 da Estrada Real de Santa Cruz, no Bairro da Piedade no Rio de Janeiro e, vestido todo de preto, enlouquecido pelo ciúme, disparou sete vezes, acertando três tiros no Tenente Dilermando Cândido de Assis, ferindo ainda, gravemente, pelas costas, seu irmão, o Guarda-Marinha Dinorah de Assis.

Dilermando repousava em seu quarto. Ferido gravemente, respondera à agressão, antecipada de invasão de domicílio, sempre em legítima defesa própria e a de terceiro (a da vida de seu irmão); disparando três vezes, atingiu de morte o inesperado invasor.

1 AMADEU DE ALMEIDA WEINMANN – Advogado inscrito na OAB/RS sob o nº 5.962, Professor, Historiador, Membro da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS e do INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL, do INSTITUTO DOS ADVOGADOS DO BRASIL, Sócio fundador da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ADVOGADOS CRIMINALISTAS (ABRACRIM), da ACADEMIA BRASILEIRA DE DIREITO CRIMINAL, Sócio fundador da COMUNIDADE DE JURISTAS DA LINGUA PORTUGUESA” (CJLP).

2 GARÇON, Maurice. O Advogado e a Moral. Coimbra, Portugal: Armenio Amado Editor - Coleção Studium, 2ª Ed., 1963, p. 9.

A morte de um jornalista, escritor, civil e ilustre, ocorrida pelas mãos de um militar (época da campanha civilista de Ruy Barbosa), sem dúvida que fez com que o povo ignorasse as circunstâncias que cercavam o funesto e letal evento.

A imprensa nacional tomou de logo partido do marido traído – escritor afamado, tanto que imortal da Academia Brasileira de Letras.

Dilermando é exposto na imprensa como um vilão, e mesmo o inquérito policial tende a inverter a realidade dos fatos (o jornalista Orestes Barbosa foi um dos únicos a defendê-lo, mesmo assim sem grande impacto).

O fato constitui-se em um marco da parcialidade na imprensa brasileira. Em uma entrevista concedida à revista *Diretrizes*, de Samuel Wainer, Dilermando afirmou então, que não conseguiria expor sua versão dos fatos “nem se pagasse”. E, apesar da gritante realidade dos acontecimentos, exposto ao júri popular acusado de homicídio, foi fartamente demonstrada a legítima defesa. Dilermando foi absolvido.

O Tribunal do Júri, à época, era presidido pelo Juiz Manuel da Costa Ribeiro e a defesa do réu foi feita pelo então rábula Evaristo de Moraes e por Delamare Garcia.

Falar da cultura, inteligência e talento de Euclides da Cunha é transitar pelo óbvio. Contar sobre o seu temperamento é outra coisa relevante para a apreciação da tragédia. Dizia-se dele, um tímido. Mas, por detrás dessa timidez se escondia outra pessoa por demais desconfiada, colocando-se sempre em posição defensiva e, por isso, tornava-se muito agressivo.

Coelho Neto em seu “Livro de Prata” conta o diálogo havido com o Eng^o José Rebouças em que confessava o quanto difícil era o convívio com Euclides da Cunha:

“... Está trabalhando comigo, nas obras dos esgotos, em Santos. E, sorrindo significativamente, confessa: “... É um tipo! É preciso saber levá-lo. Espinha-se com qualquer coisa. Quem sabe, isso não se discute, como trabalhador é dos que não dão motivo à mais leve observação – sempre à hora, e o que executa é limpo mas, o gênio!”

Quando aluno do 3^o ano da Escola Militar, na Praia Vermelha, em plena visita oficial do Ministro da Guerra, todos os alunos se encontravam formados para prestar continência, quando o cadete Euclides da Cunha sai de forma e tenta quebrar a espada com os joelhos, atirando-a ao chão, proferindo palavras ofensivas ao ministro. Em seguida, após submeter-se a um Conselho de Guerra, foi expulso da escola “a bem da disciplina.”

Às vésperas da proclamação da república, reuniram-se seus antigos colegas na residência do Major Sólon Ribeiro onde, a par de se ver encantado por sua filha Ana Emília Sólon Ribeiro, consegue a sua imediata reintegração no Exército. Desgraçadamente, por posições assumidas ante a Revolta da Armada, comandada pelos Almirantes Custódio de Melo e Saldanha da Gama, é novamente afastado do Exército.

A pedido de Júlio de Mesquita, diretor de “O Estado de São Paulo”, segue para a região de Canudos, incorporando-se ao Estado-Maior do Ministro da Guerra. De lá envia seus artigos sobre a situação da guerra e do povo de Canudos. Passa longo tempo pela Bahia (está escrevendo sua obra prima ‘Os Sertões’). Na volta, Rio Branco o nomeia chefe da Comissão junto ao Alto-Xingu, para o fim de fixarem-se, diplomaticamente, os limites entre o Brasil e Peru.

Abandonada, D^a Ana, para diminuir as despesas familiares, passa a morar com os filhos em uma pensão cujas proprietárias D^a Lucinha e D^a Angélica Rato recebem-na com muito afeto e carinho. Mas, lá passam os fins de semana seus sobrinhos, os cadetes Dilermando e Dinorah de Assis, oriundos da capital gaúcha.

Com dezessete anos de idade, em 1905 Dilermando, que era então descrito como um homem alto, loiro e belo, apaixona-se por D^a Ana. O relacionamento estabelece-se mesmo

continuando casada. Tem ela, por companhia, os dois filhos, registrados por Euclides da Cunha. D^a Ana conta então com trinta e três anos.

Ana havia lhe indicado um quarto, na Pensão Monat.

Dilermando, que era órfão, morava na Escola Militar. Encontram-se nesta pensão carioca, situada à rua Senador Vergueiro, onde vivem um apaixonado romance. Os fatos ajudavam muito ao casal enamorado, já que Euclides viajava muito, a serviço do governo federal. Depois, os namorados alugaram uma casa na rua Humaitá, onde passam longos períodos juntos. Passam a viver um grande romance de amor.

Euclides volta de repente, após um par de anos sem notícias. D^a Ana vai esperá-lo no cais do porto e confessa sua paixão por outro homem. Anuncia, também, que traz em seu ventre o fruto daquele amor. Euclides se exaspera, mas depois, a perdoa.

Perdão sem sentido. Nasce-lhe o filho. A diferença é evidente.

Os filhos de Euclides todos morenos como os pais. O último é ruivo como Dilermando (uma espiga de trigo no meio de um cafezal, diria mais tarde Euclides).

Mas o perdão não fora verdadeiro e Ana passa a sofrer todo o tipo de vingativas agressões. Tuberculoso, exigia que a mulher, como prova de amor, sorvesse o resultado de seus surtos de hemoptise. Até que, num sábado, não aguentando mais as humilhações de parte do neurastênico marido, sai de casa com os filhos e se homizia na casa de Dilermando, no bairro da Piedade.

Euclides anda por toda a cidade atrás da mulher e dos filhos, até que descobre a residência dos jovens militares e, no dia seguinte, acontece a tragédia. Ao entrar violentamente na residência alheia diz: "... vim para matar ou morrer!" Tentou matar, feriu os donos da casa e, acabou morrendo.

Dilermando, gravemente ferido, foi hospitalizado e preso. Durante o tempo de prisão cursa engenharia e direito. Contrata os serviços do jovem advogado Evaristo de Moraes (então ainda, rábula).

Julgado duas vezes, duas vezes foi absolvido pela legítima defesa própria e de terceiro. Dinorah, aspirante da marinha, atleta de futebol do Botafogo, em razão dos ferimentos na coluna, restou tetraplégico. Inconformado com a desgraça, volta para Porto Alegre onde se vê consumido pela bebida que o leva à loucura³.

Põe fim a vida jogando-se, nas águas do cais de Porto Alegre.

Dilermando e Ana vieram a se casar. Ela com quarenta anos, bem mais velha, pois ele conta com vinte e sete anos de idade. No entanto, o destino amancebado com a tragédia os havia sorteado como vítimas. E, sem piedade, no dia 4 de julho de 1916, a pedido de D^a. Ana, Dilermando vai ao Cartório do 2^o Ofício da 1^a Vara de Órfãos e Ausentes para ver a situação da tutoria do filho menor de Euclides, o jovem Manoel Afonso Cunha.

³ Carreira de Dinorah: Zagueiro, Dinorah começou a carreira no Internacional de São Paulo em 1906. No ano seguinte, sagrou-se campeão paulista. Em 1908, foi atuar no futebol do Rio de Janeiro, onde vestiu a camisa do América, compondo a defesa ao lado de Belfort Duarte. No Campeonato Carioca, marcou um gol e atuou como árbitro na partida em que o Fluminense goleou o Paissandu e ficou com o título. Em 1909, transfere-se para o Botafogo, que seria o seu último clube. Após o incidente que vitimou o escritor Euclides da Cunha, Dinorah seguiu jogando com uma bala de revólver alojada na espinha. Uma semana depois do episódio, já estava em campo para atuar contra o Fluminense. Entretanto, foi desenvolvendo um grau de hemiplegia com o passar do tempo. Já com limitação dos movimentos do corpo, conquistou o Campeonato Carioca em 1910. Na campanha do título, Dinorah disputou nove dos dez jogos, ora como zagueiro, atacante, anotando dois gols. Encerrou as atividades prematuramente no ano seguinte, despedindo-se como goleiro (devido às limitações físicas que a paralisia parcial lhe impôs) na partida amistosa que o Botafogo perdeu por 4 a 3 para o Americano. Chegou a atuar como árbitro em algumas partidas do campeonato de 1911. Dinorah de Assis – Wikipédia, a enciclopédia livre: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinorah_de_Assis

Estava a compulsar os autos quando ouviu o som de um disparo vindo de suas costas. Sentiu imediatamente uma forte dor. Sobreveio-lhe um grande mal-estar geral que o enfraquecia cada vez mais. Os disparos continuavam. Tentou retirar-se, mas faltaram-lhe as forças. Foi ferido novamente. Teve a visão obnubilada. Num esforço supremo, atirou por três vezes na direção do vulto agressor. Não atinou quem fosse. Foram ambos levados, moribundos, para um Hospital. Ao recuperar-se tomou conhecimento de que quem o ferira, e a quem matara, era o filho mais velho de sua esposa com Euclides da Cunha, o também Guarda Marinha Euclides da Cunha Filho.

A morte de Euclides da Cunha, o maior escritor nacional e, anos após, nas mesmas circunstâncias, a morte de Quindinho (como era apelidado o filho de Euclides), acrescida da invalidez e suicídio de Dinorah, o sofrimento das duas famílias, o heroísmo de Dona Ana e a maldição de Dilermando, talvez se constitua na maior tragédia vivida pela história passional do nosso país.

Dilermando seguiu no exército sendo promovido sempre por merecimento, e por merecimento tanto que teve, o fato marcou sua desventura também na vida militar, impediu-o de alcançar o tão desejado posto de general do Exército Brasileiro.

O Almanaque do Exército do ano de 1957 dava-o como o primeiro na ordem de mérito e antiguidade para promoção ao generalato, sendo ultrapassado por outros a quem antecedia.

Eis a classificação, entre os coronéis de cavalaria, naquele ano:

DILERMANDO DE ASSIS: Medalha S-1, passadeira de platina, Medalha de Guerra, Medalha de Prata Comemorativo ao Cinquentenário da Proclamação da República, Medalha de Bronze, Campeonato de Tiro, Medalha da Ordem da Águia Asteca do Governo do México.

DADOS PESSOAIS: nascimento em 18 de janeiro de 1888, Praça em 4 de abril de 1903, Aspirante em 2 de janeiro de 1909, 2º Tenente em 6 de janeiro de 1913 (contando antiguidade desde 11 de maio 1911, em razão da absolvição obtida), 1º Tenente em 8 de fevereiro de 1918 (contando antiguidade desde 20 de julho de 1917), Capitão graduado a 1, e efetivado a 4 de novembro de 1922 (contando antiguidade desde 7 de setembro de 1922), Major a 10 de novembro de 1932, por antiguidade (contando desde 30 de abril de 1931), Tenente-coronel em 24 de maio de 1937, por merecimento, contando antiguidade desde 25 de dezembro de 1936, Coronel a 3 de maio de 1939, por antiguidade.

CURSOS: de infantaria e cavalaria regular 1905; engenharia em 1913, Cursos de Aperfeiçoamento e Estado-Maior 1920. Bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Dilermando foi ainda comandante do 7º GMAC (Grupo Móvel de Artilharia de Costa) na cidade de Rio Grande, durante a 2ª Guerra Mundial, recebendo após isso o título de Ex-Combatente por ter participado efetivamente de operações bélicas na defesa da Costa Brasileira.

Morreu, aos 63 anos de idade, de ataque cardíaco em São Paulo, a 13 de novembro de 1951. Nesse mesmo ano morre também, no mês de maio, de câncer, sua ex-mulher, Dª Ana. Dilermando de Assis escreveu, ainda que de forma esporádica, algumas obras, a maior delas tratando dos episódios sangrentos que protagonizara⁴.

⁴ UM NOME, UMA VIDA, UMA OBRA - (em parceria com Ângelo Cibela), 1946 – onde Dilermando expõe textos publicados em seguida ao crime da Piedade, como “Uma tragédia de Ésquilo”, por Monteiro Lobato e “A vítima esquecida de Euclides da Cunha”, por Acélio Daudt. A TRAGÉDIA DA PIEDADE, Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1951 - é um verdadeiro libelo de autodefesa, uma resposta ao livro A Vida Dramática de Euclides da Cunha, de Eloi Pontes. Neste livro, Dilermando analisa todas as provas periciais dos autos de sua acusação, nos dois homicídios envolvendo os Cunha (pai e filho). Além disso, procede a uma minuciosa crítica a “Os Sertões”, apontando dezenas de erros, procurando ainda comprovar casos de plágio feitos pelo célebre escritor. Dilermando foi aconselhado a não publicar este livro, por Farias Brito, que lhe escrevera, em carta: “... A ideia é muito digna. Mas não me parece que lhe seja isso necessário... Seja, porém, como for, parece-me que o melhor é deixar o passado em silêncio”.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilermando_de_Assis

EMBRAER KC-390 ALCANÇA CAPACIDADE INICIAL DE OPERAÇÃO

Novo estágio do projeto assegura as condições mínimas para o início das operações da aeronave



THIAGO VINHOLES — 20 DE DEZEMBRO DE 2017



O KC-390 foi encomendado pela FAB para substituir os antigos cargueiros turbo-hélice C-130 Hercules (FAB)

O novo jato de transporte militar e reabastecimento **KC-390** completou um marco fundamental nesta quarta-feira (20), com a demonstração pela **Embraer à Força Aérea Brasileira (FAB)** do atingimento da Capacidade Inicial de Operação (*Initial Operational Capability – IOC*).

Como explica a fabricante, o IOC assegura as condições mínimas necessárias para o início das operações com aeronave, de acordo com o escopo de missões acordado com a FAB. Ainda como parte do mesmo processo, a Embraer obteve um Certificado de Tipo Provisório do KC-390 junto à Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), atestando a adequação do projeto aos requisitos de homologação de aeronaves da categoria de transporte.

“É com grande satisfação que anunciamos o atingimento deste marco importante para o Programa KC-390”, disse Jackson Schneider, presidente e CEO da Embraer Defesa & Segurança. “A campanha de certificação tem avançado conforme o planejado e os testes realizados tiveram grande sucesso, comprovando a maturidade da aeronave e confirmando o desempenho e as capacidades previstas”.

Segundo a Embraer, até o presente momento, a campanha de testes do KC-390 acumula mais de 1.500 horas de voo nos dois protótipos e mais de 40.000 horas de ensaios em laboratório dos diversos sistemas da

aeronave. A fabricante também adiantou que a campanha de avaliações sobre componentes estruturais do jato se aproxima do fim, restando apenas o ensaio de fadiga em corpo de prova em escala real.

Ao longo de 2018, estão previstos a emissão do Certificado de Tipo final pela ANAC, bem como a realização de ensaios em voo de diversas funcionalidades militares, incluindo testes remanescentes de reabastecimento aéreo, lançamento de cargas e outros, para o projeto alcançar a Capacidade Final de Operação (Final Operational Capability – FOC), a certificação militar final da aeronave.



O KC-390 é projetado para transportar até 26 toneladas de carga, capacidade superior a do Hercules (FAB)

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>